

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU
FACULDADE DE CIENCIAS INTEGRADAS DO PONTAL-FACIP
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MÁRCIA MARIA COELHO DA SILVA OLIVEIRA

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
A VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

ITUIUTABA
JUNHO DE 2017

MÁRCIA MARIA COELHO DA SILVA OLIVEIRA

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
A VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências
Integradas do Pontal/FACIP, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª Drª Lúcia Helena M.
de M. Oliveira

**ITUIUTABA
JUNHO DE 2017**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. Ao meu esposo Wellington Paulo, a meus filhos Paulo Henrique e Mateus Henrique, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada;

Aos meus pais Aluísio Coelho e Severina Ramos (in memoriam) pela minha vida que me deram, além da educação e ensinamentos.

Ao meu esposo, Wellington Paulo, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades;

Aos meus filhos, Paulo Henrique e Mateus Henrique pela oportunidade de experimentar a mais pura e bela forma de amor, e pela paciência nos momentos de minha ausência;

À professora Dr^a Lúcia Helena de Oliveira, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho;

À professora e coordenadora do curso de Pedagogia Dr^a Mical de Melo Marcelino, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Aos docentes do curso de Pedagogia, que me acompanharam durante a graduação, pela convivência, pelas trocas de conhecimento e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica, que contribuíram para o meu novo olhar profissional.

A todos os meus colegas do curso de pedagogia, que de alguma maneira tornaram minha vida acadêmica cada dia mais desafiante; a todos vocês que de uma forma ou outra estiveram ao meu lado durante estes cinco anos de caminhada, muito obrigado.

E enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu agradecimento.

*“... aprender não é um ato findo. Aprender
é um exercício constante de renovação...”.*

(Paulo Freire)

RESUMO

Este texto apresenta discussões sobre a alfabetização e o letramento, tema de extrema relevância na formação continuada de professores. Os motivos que nos levaram a aprofundar na temática foram nossas inquietações e indagações sobre como o processo de alfabetização e letramento se realiza efetivamente. Nesse sentido, especificamente, nossa proposição e problemática norteadora da pesquisa foi como as professoras alfabetizadoras entendiam o processo de alfabetização e letramento, suas dificuldades e desafios. As indagações levantadas fundamentam-se em teorias produzidas pelos principais autores e estudiosos da área, como: Soares (1990-1999- 2004); Kramer (1990); Tfouni (1995), Cunha (2002), Kleiman (2005), Freire (2008), selecionadas em artigos, dissertações e trabalhos científicos sobre o tema, para que essa pesquisa científica tenha validade. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi analisar e compreender o processo de alfabetização a partir da perspectiva das professoras alfabetizadoras ao atuarem com crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental em escolas estaduais, ao mesmo tempo, identificar a concepção de alfabetização e letramento que as professoras trazem e refletir sobre ela com base na literatura específica; identificar os desafios, os problemas que elas enfrentam. O estudo configurou-se qualitativo e por isso, tomamos a entrevista como forma de coleta de dados por ser uma técnica bastante usada no campo de atuação das ciências sociais, e por ser favorável à aquisição de informações sobre o que sabem os sujeitos a respeito do específico tema. De acordo com os resultados constatamos que os desafios e as dificuldades que as professoras alfabetizadoras enfrentam para alfabetizar e letrar na atualidade estão relacionados com a indisciplina, a falta de apoio da família e as dificuldades de aprendizagens das crianças. Percebemos ainda, que as concepções do que significam alfabetização e letramento, variam muito entre as professoras entrevistadas, e, que a metade delas não consegue conceituar tais termos.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Alfabetizadoras.

ABSTRACT

This text presents discussions about literacy and initial reading instruction, a topic of extreme relevance in initial and continuing teacher education. The reasons that led us to delve deeper the theme were our concerns and questions about how the process of literacy and initial reading instruction takes place effectively. In this sense, specifically, our proposition and problematic guiding research was how literacy teachers understood the process of literacy and initial reading instruction, its difficulties and challenges. The questions raised are based on theories produced by the main authors and scholars of the area, such as: Soares (1990- 1999- 2004); Kramer (1990); Tfouni (1995); Cunha (2000); Kleiman (200); Freire (2008) selected in articles, dissertations and scientific Works on the subject, for this scientific research to be valid. Thus, the general objective of the research was to analyze and understand the process of literacy from the teachers literacy perspective when working with children of the first and second years of elementary school, in state schools, at the same time, identify the conception of literacy and initial reading instruction that the teachers brings and to reflect about it based on the specific literature; identify the challenges, the problems they face. The study was qualitative and therefore, we took the interview as a form of data collection because it is a technique widely used in the field of social sciences, and because it is favorable to the Acquisition of information about what the subjects know about this initial reading instruction specific theme. According to the results, we find that the challenges and difficulties that teachers literacy face in literacy and initial reading instruction today are related with children's indisciplined, lack of family support and children's difficulty learning. We also realized that teachers have a conception of what literacy and initial reading instruction are, but they can't conceptualize such terms.

Keywords: Literacy. Initial Reading Instruction. Literacy

LISTA DE SIGLAS

CEMAP: Centro de Assistência Pedagógica e Aperfeiçoamento Permanente de Professores

MEC: Ministério de Educação

PIPE: Projeto Integrado de Práticas Educativas

PNAIC: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PPP: Projeto Político Pedagógico

SRE: Superintendência Regional de Ensino

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

EAD: Educação a Distância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ALFABETIZAR E LETRAR: UMA DISCUSSÃO RECENTE.....	15
2.1 Retomando historicamente a alfabetização.....	15
2.2 Afinal o que é alfabetizar e como se constitui esse processo?.....	17
3 AS ALFABETIZADORAS FALAM.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5 REFERÊNCIAS	45
6 APENDICE.....	47

1. INTRODUÇÃO

A elaboração desta pesquisa se efetivou a partir de questionamentos oriundos do desejo e da busca de conhecimentos em saber como se dá o processo de alfabetização na atualidade, uma vez que não se resume apenas a ler e escrever, a codificar e decodificar códigos. A alfabetização deve ser entendida como um processo de aquisição e apropriação do sistema alfabético e ortográfico da escrita. Desse modo, nossas inquietações e indagações foram nosso sentido de entender como acontece esse processo, pois na Universidade, os professores ensinam que é necessário modificar a maneira de se alfabetizar nas escolas, e, todas as vezes que questionavam sobre este assunto, ficávamos a perguntar como essa mudança se daria. Pois ainda não conseguíamos refletir de outra forma que não fosse a tradicional, que ainda, persistentemente, se encontra no seio de muitas escolas. Mas fica a pergunta, como fazer diferente frente à realidade que nossas crianças vivenciam? O acesso ao mundo das informações é recorrente e sedutor!

Foi a partir das disciplinas Processo de Alfabetização no quinto período e Alfabetização e Letramento no sexto período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, que as angústias, dúvidas e curiosidades começaram a emergir e, com isso, entender melhor como esse processo acontece, passou a ser relevante. Inicialmente, pensávamos e tínhamos a imagem de uma professora tradicional, detentora do saber e da autoridade, apenas ela tinha voz e vez. A criança era passiva e mera receptora de informações e a obediência era uma grande virtude. Depois, durante o curso, de acordo com as discussões promovidas por cada disciplina, compreendemos que essa realidade precisa mudar, pois quando a criança chega à escola, ela não é uma folha em branco e nem uma tábula rasa, traz consigo conhecimentos do seu cotidiano, do meio onde vive e das pessoas que a cercam. A criança vai para a escola com um breve conhecimento e o professor precisa considerá-lo.

O que percebíamos é que a relação professor/aluno era centrada no professor e na transmissão de seu conhecimento, enquanto que a subjetividade da criança não era levada em conta. A aprendizagem era artificial e mecânica, o que não difere muito ao que ocorre na escola na atualidade. Percebemos a necessidade de estar atenta à essa

realidade porque o mundo contemporâneo exige que o alfabetizador seja um professor reflexivo e que sua formação seja continuada, e assim, reconhecer que a criança não é apenas um receptor de informações, contudo, traz consigo o conhecimento do cotidiano e das experiências vivenciadas.

Hoje, com base em algumas leituras a respeito, percebemos que o processo de alfabetização e letramento deve ocorrer de outra maneira na escola e não deve ser focado apenas no ensinar a ler e escrever, é preciso que a escola e o professor considerem a especificidade da criança, pois cada um tem seu tempo específico para aprender. Deve-se permitir a criança construir seu próprio conhecimento, sendo o professor alfabetizador seu mediador.

Muito importante também é ressaltar que consideramos este tema de enorme relevância, pois pretendemos atuar na área de alfabetização e, assim, tentar fazer de forma diferente, não reproduzir o que acontece dentro de nossas escolas, evitar os métodos e práticas que não funcionam e nem sempre trazem resultados positivos para a aprendizagem das crianças, ou seja, não reproduzir uma alfabetização que se deu há muitos anos atrás, tentar inovar. Mas fica a pergunta, como fazer diferente?

Diante do exposto, tivemos como objetivo geral analisar e compreender o processo de alfabetização a partir da perspectiva das professoras alfabetizadoras ao atuarem com crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental em escolas estaduais, ao mesmo tempo, identificar a concepção de alfabetização e letramento que as professoras possuem e refletir sobre ela com base na literatura específica; identificar os desafios, os problemas que elas enfrentam.

A escolha das escolas ocorreu devido à abertura aos estudantes universitários para realizar trabalhos acadêmicos, projetos de extensão e pesquisa, estágios e o Projeto Integrado de Práticas Educativas (PIPE). E foi nessa articulação entre a universidade e escola de educação básica que pudemos compartilhar muitas experiências, despertando-nos o interesse pela alfabetização e o letramento, mais especificamente, com a construção desse processo. Portanto, a problemática norteadora da pesquisa é: como as professoras alfabetizadoras veem o processo de alfabetização e letramento? Desafios, dificuldades e avanços?

As indagações levantadas fundamentam-se em teorias produzidas pelos principais autores e estudiosos da área, como: Soares (1990, 1999, 2003,); Kramer (1990); Tfouni (1995); Cagliari (1998); Mortatti (2006), dentre outros, selecionadas e estudadas com

base em artigos, pesquisas, dissertações e trabalhos científicos sobre o tema, para que essa pesquisa científica tenha validade. Nesse sentido, refletiremos sobre o processo de alfabetização e letramento com base na visão de um grupo de professoras alfabetizadoras.

Metodologicamente, foi realizada, inicialmente, algumas reflexões com base na bibliografia encontrada, na intenção de conhecer melhor a situação do tema abordado nessa pesquisa. Para embasar teoricamente buscamos subsídios em teses, dissertações, livros, entre outros, nesse sentido, configura-se como uma pesquisa qualitativa, pois segundo Lüdke e André(1986, p. 11-13):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. (...) Os dados coletados são predominantemente descritivos. (...) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. (...) O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. (...) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima. (LUDKE; ANDRÉ,).

Segundo essas autoras, uma pesquisa qualitativa, precisava levar em conta algumas características, dentre elas podemos citar que o entrevistado também fala com o corpo, por meio de um olhar, um movimento, um sorriso, uma expressão facial ou corporal. Portanto, o pesquisador precisa estar atento às falas, aos gestos e aos questionamentos das pessoas entrevistadas, e levar em consideração todo o seu posicionamento. Nesse sentido, procuramos, atentamente, capturar os significados de cada palavra, de gesto ou expressão que as professoras traziam. Tomamos a entrevista como metodologia por ser uma técnica bastante usada no campo de atuação das ciências sociais, e por ser favorável à aquisição de informações sobre o que sabem os sujeitos a respeito do específico tema.

Pois segundo Severino (2007), a entrevista é uma:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p. 124).

Para o autor, a entrevista representa uma técnica de coleta de dados sobre um tema, onde o pesquisador tem um contato mais direto com o sujeito pesquisado, com a intenção de tomar conhecimento de suas opiniões e visar apreender o que sabem, fazem, pensam, representam e argumentam sobre tal assunto.

Ainda, segundo Gil (2008), pode-se definir a entrevista como:

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, P.109)

A entrevista para esse autor é uma forma de interação social, de um diálogo, onde investigador busca dados e conhecimento do tema científico, e o investigado é o sujeito que traz as informações necessárias e que interessa a sua investigação. Portanto, foi necessário um planejamento, de uma atenção especial na sua elaboração e na sua aplicação, cujos objetivos propostos foram delimitados, para que o resultado pretendido fosse alcançado.

Desse modo, realizamos as entrevistas em duas escolas da rede pública estadual - Escola Estadual Prof. Arlindo Silva e Escola Estadual Governador Antônio Silveira¹ situadas ambas na cidade de Ituiutaba no Estado de Minas Gerais. Nosso instrumento de coleta de dados constitui-se em entrevistas semi-estruturadas. O critério de escolha adotado foi que as professoras atuassem e tivessem experiências na área da alfabetização. O instrumento foi aplicado a quatro professoras do 1ºano e quatro professoras do 2º ano do Ensino Fundamental, totalizando oito professoras, sendo quatro professoras em cada escola. As entrevistas com as professoras alfabetizadoras foram realizadas no horário de módulo 2, cedido pela supervisora e também nos de Educação Física. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. O tempo destinado para cada uma variou de professora para professora, umas falaram mais, outras só respondiam o que era perguntado, tendo a duração entre de minutos e quarenta e cinco segundos a vinte minutos. Foram utilizados cinco dias para a realização das entrevistas devido à disponibilidade de tempo das professoras.

¹ Nomes fictícios para preservar a identidade das instituições.

Após as entrevistas com as professoras e análise dos dados coletados e das leituras específicas tentamos aprofundar na temática em busca de respostas para os nossos questionamentos e inquietações. Temos como proposição que as descobertas dessa pesquisa contribuirão àqueles que desejam entender melhor as dificuldades e que sejam levados a buscar alternativas para amenizar os problemas encontrados em relação ao processo da alfabetização das crianças na atualidade.

A exposição dos resultados e análises deste estudo será apresentada em um primeiro momento na Seção “*Alfabetização e letramento em discussão*” momento em que refletimos sobre como surgiu a alfabetização e letramento no Brasil e os métodos utilizados para alfabetizar, a diferença entre alfabetização e letramento, a partir das concepções de autores que já defendem essas teorias e pressupostos.

Na Seção “*As alfabetizadoras falam*”, trazemos as concepções das professoras alfabetizadoras sobre o processo de alfabetização e letramento, os seus conhecimentos, posicionamentos, vivências e experiências em sua atuação como professoras alfabetizadoras.

E por último, nossas considerações finais onde nos posicionamos diante ao objeto pesquisado, na tentativa de cotejar nossos objetivos com as reflexões, na esperança de encontrar respostas para nossas indagações e inquietudes.

2. ALFABETIZAR E LETRAR: UMA DISCUSSÃO RECENTE

Nesta seção, tentamos refletir sobre a alfabetização e o letramento como processos que estão associados, ambos têm conceitos complexos e diferentes, mas são essenciais e desempenham um papel fundamental para o ensino e a aprendizagem de todos. Nesse sentido, trazemos no texto uma sumária retrospectiva histórica sobre a alfabetização e o surgimento do termo letramento no Brasil.

2.1 Retomando historicamente a alfabetização

A partir do momento que a escola pública assumiu o compromisso de alfabetizar as crianças, muitos estudiosos e educadores, com base em suas concepções teóricas e em suas histórias de vida, vêm pensando sobre essa tarefa tão complexa. Nesse sentido, vale refletir sobre o conceito de alfabetização que ao passar do tempo sofreu transformações, na tentativa de responder às necessidades de nossa sociedade; considera-se que há um período cronológico muito grande entre a visão inicial de como ensinar a ler e escrever até as concepções mais atuais.

Segundo Cunha (2000, p18) “em 50 anos, fatores sociais, políticos e culturais, além das próprias pesquisas sobre os processos de aprendizagem, contribuíram para a elaboração, entre os educadores de várias idéias sobre o que seja realmente alfabetizar”.

A princípio, a alfabetização era vista como um processo de aprendizado e aquisição das habilidades de leitura, escrita e aritmética, mas essa preocupação não era discutida até o final do século XVIII e, somente com o surgimento do ensino público, foi preciso definir o que era alfabetização para que também as escolas pudessem definir seu papel e o que deveria ensinar e para quê.

“No início da história da alfabetização o homem precisava saber como transformar os sons das palavras em sinais e como dar sons aos sinais que viam”, (CUNHA, 2000, p.19), pois tinha que saber decodificar as mensagens que se espalhavam pelas ruas das cidades que cresciam e nas fábricas onde o processo de industrialização exigia que o trabalhador tivesse um conhecimento mínimo do código da língua escrita.

A sociedade nos anos 50 do século XX não estava preocupada com o significado dessa alfabetização e muito menos com a formação posterior do indivíduo e

nem do seu papel como cidadão. Cabia apenas à escola passar a eles os rudimentos da língua escrita, pois o conhecimento e o saber era privilégio de poucos, só para os filhos das classes abastadas. (CUNHA 2000, p.19)

Em 1950 a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) nomeou uma comissão de especialistas para definir o que seria uma pessoa alfabetizada; a comissão definiu e considerou alfabetizado aquele que sabe ler e escrever um bilhete simples. Após uma década, os especialistas discutiram, na Conferência Mundial sobre Educação de Adultos, na cidade Montreal no Canadá, de 22 de agosto a 2 de setembro de 1960, que apenas passar o código linguístico para as pessoas não bastava, por ser decorado de forma mecânica e devido à falta de uso, os símbolos dos sons falados acabavam sendo esquecidos. (CUNHA, 2000)

Em 1965, os ministros de Educação dos países ligados a Unesco, reuniram-se em Teerã (Irã), e definiram o ato de alfabetizar como preparar o homem para desempenhar um papel social, cívico e econômico e neste momento, a escola assume um papel mais complexo, que é formar o homem para ser inserido na sociedade. (CUNHA, 2000)

A partir da década de 80, o Brasil foi muito influenciado com a pesquisa de Emília Ferreiro² sobre a psicogênese da língua escrita; a autora vem pesquisando uma explicação para o processo de aquisição da leitura e da escrita pelas crianças, e foi por meio da sistematização destas pesquisas e de suas publicações, que os alfabetizadores e pesquisadores compreenderam que a eficácia da alfabetização não estava ligada nem às cartilhas e nem aos métodos de ensino aplicados, mas sim, na forma como a criança concebia o seu conhecimento.

Nos anos 90 no Brasil, houve um grande avanço pedagógico na alfabetização, mas isso, não quer dizer que o analfabetismo havia se extinguido. A pesquisa sobre os processos de aprendizagem da leitura e escrita desencadeou uma revolução no conceito de alfabetização e passamos a conviver com os diferentes conceitos.

² Psicóloga e pesquisadora argentina, radicada no México desde 1967, doutorou-se em Psicologia na Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget. Desenvolveu a partir de 1974, como docente da Universidade de Buenos Aires, trabalhos experimentais que deram origem aos pressupostos teóricos sobre Psicogênese do Sistema de Escrita. Atualmente é professora titular do Centro de investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico nacional e trabalha como pesquisadora do Centro Internacional de Epistemologia Genética, na cidade do México.

2.2. Afinal o que é alfabetizar e como se constitui esse processo?

Segundo o dicionário Aurélio (2010), alfabetização é o “ato ou efeito, modo ou processo de alfabetizar (-se), ensinar ou aprender a ler e a escrever.” Como vemos o significado que o dicionário traz sobre a alfabetização ainda é bem restrito em relação a esse processo tão complexo que é a alfabetização.

Para Soares (1990):

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo – criança ou adulto- tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas e sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena.(SOARES. N.E n 41, 1990)

Soares aborda que a alfabetização precisa ir além de ensinar a criança ou o adulto saber ler e escrever, mas é preciso que os mesmos façam uso real e adequado dessa escrita, e assim, utilizar suas funções socialmente para a conquista de sua cidadania. Nesse momento, a autora faz a relação entre a alfabetização e o letramento.

Para Kramer (1990):

A alfabetização não se limita a ensinar códigos. Muito mais do que isso, ela diz respeito à leitura do mundo, à produção da palavra. Para isso, sabemos que crianças, jovens e adultos só aprendem a ler e escrever, lendo e escrevendo, ou seja, praticando ativamente a leitura e a escrita vivas, críticas, criativas e não de forma mecânica, rotineira, morta. (KRAMER. N.E n 41, 1990)

Como afirma a autora, alfabetização não é algo que se limita apenas no ensino de códigos, vai para, além disso. Seu conceito está relacionado com a leitura do mundo, que o sujeito consegue estabelecer ao usar e praticar de maneira ativa a leitura e a escrita, não tornando esse processo mecânico e rotineiro.

Cunha (2000, p.26) diz que “alfabetizar-se é um complexo processo conceitual, significa compreender para que serve os sinais que escrevemos (letras, sinais, pontuação, etc.)”. Para a autora o processo de alfabetização tem uma difícil compreensão, devido aos muitos conceitos pelo qual é constituído, mas que é importante compreendermos para servem os sinais que utilizamos em nosso dia a dia.

Hoje sabemos que o conceito de alfabetização evoluiu à medida que tentou responder os avanços e as necessidades da sociedade. Ocorreram mudanças na visão

inicial de como ensinar a ler e escrever, na defesa da construção do conhecimento pela própria criança e do alfabetizador como o seu mediador.

A partir do momento da evolução do conceito de alfabetização na tentativa de dar respostas aos avanços e as mudanças que ocorreram na sociedade, surge o letramento.

Segundo Soares (1999, p. 32) a palavra letramento é recente na língua portuguesa. Apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato (1986): “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, no qual a autora não definiu o significado do termo. Em 1988, outra obra é publicada: “Adulto não alfabetizado - o avesso do avesso”, de Leda Verdiani Tfouni, onde foi lançada a palavra no mundo da educação. Nesse livro a autora começa a definir o que é letramento e procura discernir letramento de alfabetização.

Ainda segundo a autora, essa palavra tornou-se muito corrente, aparecendo em títulos de livros, como: “Os significados do letramento”, coletânea de textos organizada por Ângela Kleiman, e “Alfabetização e letramento”, de Leda Verdiani Tfouni³.

Soares (1999, p. 34) afirma que o surgimento do letramento se deu devido à necessidade de nomear um novo fenômeno. Ao perceber que as pessoas se alfabetizaram, aprenderam a ler e a escrever e dessa forma, resolveu-se, minimamente, o problema do analfabetismo, e visto que nossa sociedade, simultaneamente, tornou-se mais grafocêntrica, não era mais satisfatório apenas saber a ler e a escrever.

Assim, as pessoas aprendiam a ler e a escrever, mas não a fazer o uso social dessa leitura e escrita. Portanto, não incorporavam e nem adquiriam as competências necessárias para as práticas sociais da escrita e da leitura. Dessa forma, viu-se necessário criar um nome para esse novo fenômeno, o letramento.

³ Possui graduação em Letras Angla Germânica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, é Master of Arts in Language Acquisition (MA) pela University of California, doutora em Ciências (Linguística) pela Universidade Estadual de Campinas. Livre-docente e Associada pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professora Titular sênior da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. Realizou estágio de pós-doutorado na Università di Bologna, com Carlo Ginsburg, e, em duas ocasiões, na Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), com Jacqueline Authier. Realiza a transmissão do ensino de Lacan através de curso de graduação na USP. Tem formação em psicanálise. É pesquisadora (produtividade em pesquisa) do CNPq, e líder do grupo de pesquisa? A Análise do Discurso e suas interfaces?, do diretório do CNPq.

Vários autores se posicionaram em relação ao que é o letramento.

Para Soares (1999) letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. É o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

A autora afirma que o letramento vai além da codificação e decodificação de códigos, de aprender a técnica de ler e escrever, envolve muito mais conhecimentos. É ensinar e aprender como deve ser usada a leitura e a escrita de forma social.

O letramento é um processo de apropriação da escrita e da leitura pelo indivíduo (ao assumi-la como sua propriedade). E ocorre quando seu uso não fica centrado apenas em saber ler e escrever, mas quando se faz uma relação daquilo que se escreveu ou leu com o que está à sua volta, quando se faz o uso social, pratica e responde às demandas sociais de leitura e escrita.

Segundo Kleiman:

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet. (KLEIMAN, 2005, p.21).

Kleiman (2005) afirma que o letramento abrange o processo de desenvolvimento histórico da escrita, que emergiu para referir-se a um conjunto de práticas de uso da língua escrita que modificou a sociedade profundamente, é mais amplo do que as práticas do uso da escrita que são desenvolvidas na escola, mas as incluem. Reflete a transformação e as mudanças sociais e tecnológicas que ocorreram em nossa sociedade.

A autora enfatiza que o letramento é complexo, que não é um método, não é alfabetização e não é uma habilidade ou um conjunto de habilidades. Mas que engloba tudo isso e muito mais, envolve conhecimentos e múltiplas capacidades que estão relacionados à leitura de mundo e não somente com a escolar, uma vez que, o letramento principia-se antes da alfabetização, ou seja, a pessoa interage com as práticas de letramento em seu meio social.

Freire (2008) afirma que “O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra (...)”.

Ele cita ainda que “a leitura de mundo precede à leitura da palavra”. O que quer dizer que antes mesmo de termos contato com a língua escrita, já adquirimos conhecimento de mundo, ou seja, antes mesmo de frequentar a escola já temos conhecimentos, pois a leitura para ele é considerada como parte de um contexto vivido.

Para Freire a alfabetização não é simplesmente codificação e decodificação, na realidade, ela ultrapassa esta definição, na sua visão é como leitura do mundo que precede a da palavra, visão crítica e que traz transformação. Na perspectiva do autor é possível constatar a partir de seu método e de suas práticas, no decorrer da alfabetização, a realização do letramento, esses conceitos estão dissociados; Freire ultrapassa a noção ingênua de letramento, para adequar-se a realidade, atingindo uma perspectiva crítica e política do conceito, ou seja, o letramento usado pelo cidadão que usa a linguagem e seus conhecimentos para transformar a situação; são instrumentos de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão em movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

No livro “Letramento e alfabetização” (1995), Tfouni distingue os termos alfabetização e letramento da seguinte maneira: “Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p.20).

Para a autora a alfabetização preocupa-se com a conquista da escrita pelo indivíduo, enquanto o letramento coloca em foco a importância aos aspectos social e histórico, da aquisição de como uma sociedade adquirir seu sistema de escrita.

Segundo os autores contemplados, percebemos que, a alfabetização e o letramento não são processos independentes, ambos são complexos, têm conceitos diferentes, mas são interdependentes e indissociáveis, um precisa do outro para se desenvolver, todavia, são simultâneos e necessitam caminhar juntos. Porém, o que se tem constatado nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar não é bem isso, esses processos são trabalhados dissociados. Constatamos isso na fala da professora P5 quando diz que “a melhor maneira da criança aprender é usando o método tradicional.” Acreditamos que algumas professoras pensam nos dois processos como sequências, ou

seja, vindo um depois do outro, como se a alfabetização fosse a condição indispensável para o início do letramento, e o letramento fosse a preparação para a alfabetização. Primeiramente, o alfabetizando deve adquirir o conhecimento sobre o sistema da escrita, ou seja, conhecer o alfabeto e fazer a junção de sílabas, para depois praticar a leitura como ler cartas, receitas, bilhetes, bula de remédios e etc. Na maioria das vezes não existe uma junção na aquisição do conhecimento em relação a esses dois processos no espaço escolar, como já foi dito antes, a criança aprende as letras, posteriormente sílabas, palavras, textos e interpretações, para depois utilizá-los socialmente, nesse caso, percebemos que a aprendizagem torna-se mecânica e a criança não consegue relacionar o que aprendeu com o seu cotidiano.

Hoje, devido às grandes transformações que ocorreram em nossa sociedade, e as diferentes percepções de como a criança constrói o seu conhecimento, faz-se necessário que as práticas pedagógicas que acontecem em sala de aula sejam também modificadas. É preciso que elas estejam sempre direcionadas no sentido de alfabetizar e letrar com o intuito de proporcionar a construção de habilidades para o exercício dentro da comunidade em que a criança está inserida.

Ainda reiteramos, o letramento não surgiu para substituir a alfabetização, como muitos pensam. Tanto a alfabetização quanto o letramento têm suas especificidades, e é necessário que os professores alfabetizadores tenham esse conhecimento.

Segundo Soares (2003 apud Colello 2004, p.112):

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (2003, p. 90)

A autora enfatiza que os conceitos de alfabetização e letramento são confundidos por muitos alfabetizadores - mas não só por eles - é importante sabermos distingui-los e aproximá-los ao mesmo tempo. A distinção entre ambos faz-se necessário devido o conceito de letramento ameaçar a especificidade da alfabetização e a aproximação também é necessária, pois a alfabetização e o letramento dependem um do outro para

que o sujeito – seja a criança ou o adulto analfabeto – torne-se alfabetizado e letrado. Por esse motivo, é imprescindível reconhecer o valor conceitual e teórico desses termos.

Soares (2003, p.14) afirma que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita *a alfabetização* - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita *o letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Para a autora seria um erro dissociar a alfabetização e letramento, pois a aprendizagem da criança e também do adulto analfabeto ocorre simultaneamente por esses dois processos, quando eles entram no mundo da escrita. É a partir de ambos – Alfabetização e Letramento - que a criança terá a aquisição do sistema convencional de escrita e o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja, irá adquirir as capacidades de ler e escrever propriamente ditas e a apropriação efetiva da língua escrita.

Ainda segundo a autora “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. (SOARES, 1999, p. 47), pois alfabetizar e letrar são duas ações distintas, e por esse motivo, o professor precisa fazer com que a criança aproprie-se do código escrito e, ao mesmo tempo, proporcionar a ela o acesso a materiais escritos (livros, revistas, jornais e etc.), e produzir situações que se faça primordial e significativa às práticas de leitura e escrita. Assim, se torna impreterível trabalhar com esses dois termos – Alfabetização e Letramento – de forma conjunta, pois o processo de letramento ocorre antes mesmo ao da alfabetização, ou seja, antes de ir para a escola o sujeito já tem o conhecimento de mundo, da sociedade a qual está inserido.

Salientamos ainda que, tudo o que foi apresentado nesse trabalho, abordado acima é um recorte sobre o tema, sendo o mesmo, uma opção teórica escolhida por nós. É com base nas reflexões apresentadas que mergulhamos no universo das professoras alfabetizadoras para buscar entender, a partir de suas falas, as indagações manifestas nas entrevistas.

3. AS ALFABETIZADORAS FALAM

Nesta seção, discutimos, a partir das falas de cada uma das professoras alfabetizadoras entrevistadas, o processo de alfabetização e letramento, buscando compreender como ele ocorre, identificar e refletir sobre a concepção de alfabetização que trazem e perceber os desafios e os problemas por elas apresentados.

Em relação ao perfil dos sujeitos colaboradores da pesquisa, a entrevista foi realizada com oito professoras alfabetizadoras, todas do sexo feminino, tendo as participantes a faixa etária que varia entre trinta a cinquenta e sete anos, com estado civil variado (solteiras, casadas e divorciadas), definidas como brancas ou pardas (cor/raça/etnia), residem e atuam na mesma cidade e estado (Ituiutaba/Minas Gerais).

As professoras atuam no primeiro e segundo ano das séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo que todas possuem graduação em Pedagogia e apenas três tem pós-graduação em Educação Especial. Ressaltamos que todas as professoras entrevistadas graduaram-se em uma instituição privada. O tempo de atuação na educação como professora alfabetizadora varia de dois a vinte e sete anos. Percebemos que pelo tempo de atuação a maioria das professoras têm uma grande experiência na área de alfabetização, e que algumas trabalharam com alfabetização na Educação Especial antes de irem para a escola regular.

A partir de agora, trazemos as falas dessas professoras no sentido de responder às nossas indagações e um possível diálogo.

Inicialmente, pedimos às professoras que explicassem como se tornaram professoras alfabetizadoras e destacassem o maior desafio enfrentado atuando nessa condição. Ao buscarmos analisar o conteúdo das falas trazidas pelas professoras, nos pareceu conveniente elencar algumas questões dadas pelo próprio roteiro da entrevista e, a primeira delas, é a identidade do professor.

Percebemos que as explicações dadas por cada professora alfabetizadora quanto à construção de sua identidade profissional tem relação muitas vezes com a influência familiar e a vocação. A esse respeito à professora P1 afirma que: “Eu acho que antes de qualquer coisa você tem que ter vocação, tem que gostar daquilo que faz e, na minha família tinha professora.” (P1). A influência da família é um elemento decisivo muitas vezes, na profissão do magistério, pois como vimos no relato da

professora P1, sua escolha profissional motivou-se por ter professora na família. A família é considerada o grupo primário que contribui na identidade dos sujeitos. (...) a introjeção das figuras parentais promovem não apenas uma recordação, mas a atuação representacional de valores e sistemas de significação que acabam por compor a expressão do sujeito e estas representações aparecem na maneira de falar, sorrir, brigar, dançar, etc. (PEREIRA; ENGERS 2009, p. 293).

A escolha da profissão docente é influenciada por vários elementos, sejam eles influência familiar, vocação, gostar de crianças e outros. Gadotti (2003, p.21), afirma que "escolher a profissão de professor não é escolher uma profissão qualquer", pois são muitas as responsabilidades e os desafios que temos que enfrentar nesse ofício. Ser professor é um trabalho de extrema importância, devemos ter consciência do papel que temos como agente da mudança social e como formadores de caráter, opinião e personalidade, e assim, não reduzir nossa prática a uma simples transmissão de conhecimentos.

Nos relatos das professoras entrevistadas vimos que a maioria tem muita experiência na área da alfabetização, pois atuam há muito tempo como alfabetizadoras, apenas duas delas é iniciante nessa área, uma com um e a outra com dois anos de atuação na alfabetização. Suas falas nos possibilitaram uma aproximação de como cada uma, abordou a seu modo o processo que envolveu a constituição da escolha da profissão "ser professora" e na construção de seus saberes.

Segundo Cunha (1997):

O professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço.

Como já foi dito antes são vários os elementos que influenciam a escolha de uma profissão, seja ela qual for, e é a partir dessas referências, que o profissional constrói sua performance, ou seja, é partindo das inúmeras referências que desempenha a sua prática pedagógica em sala de aula.

Tardif (2002, p. 36) define o saber docente como um "saber plural, formado pela amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais". Segundo o autor, a cultura docente é constituída por vários saberes e a fusão deles juntos forma um todo. O professor em sua

atuação profissional também aprende ao ensinar, e é a partir das experiências desenvolvidas no cotidiano de seu trabalho e do conhecimento do meio que aprimora sua prática docente.

Em um segundo momento, abordamos os desafios no processo de alfabetizar e letrar; nessa análise identificamos grandes problemas apontados pelas professoras, os quais tornam sua prática mais difícil: uma clientela diferenciada; a ausência da família na escola; as mudanças; a indisciplina; as dificuldades de aprendizagem; a falta de auxílio e apoio dos pais e familiares; a própria tecnologia; a leitura; a política pública e educacional.

Vimos que a maioria das professoras entrevistadas relata que a falta da colaboração, do apoio e da presença da família na escola é um dos grandes desafios enfrentado por elas para alfabetizar as crianças. As mesmas alegam que os pais estão deixando a responsabilidade de educar seus filhos por conta da escola e dos professores. Mas precisamos saber se realmente a escola e as próprias professoras estão dando a abertura necessária para que a família ou o responsável pela criança possa participar da vida escolar de seu filho.

Conforme relata as professoras,

Eu acho que um ponto negativo é a ausência da família na escola, porque aqui é uma continuação de casa e da família. Percebemos que a família está deixando essa responsabilidade para nós professores, as crianças estão aqui para serem alfabetizadas, para aprender a ler e a escrever, e ultimamente estamos tendo a obrigação até de educá-las em certas situações, que não é responsabilidade do professor. (P1)

Hoje o maior desafio na verdade vem de casa, que é a indisciplina na sala de aula, eu acho que os professores estão muito envolvidos com a indisciplina, porque os pais não estão dando a educação devida para a criança em casa, aí nós temos que nos desdobrar para dar conta das dificuldades de aprendizagem e da indisciplina. O maior desafio é esse!(P3)

Percebemos que a maioria dos questionamentos das professoras relaciona-se com a indisciplina e a falta de apoio da família. Sendo a família a base de toda a Educação, os pais tem um papel fundamental na educação dos seus filhos, pois é na infância que vão adquirir os princípios para tornarem-se pessoas melhores. Só que em muitos casos vemos que os pais estão a delegar suas responsabilidades e funções para a escola e professores.

É preciso que os pais e a escola entrem em consenso para que cada um possa, por sua vez, assumir suas responsabilidades para com seu filho e aluno. Ambos são uma equipe e é fundamental que sigam e tenham os mesmos princípios, critérios e direção diante dos objetivos que desejam alcançar, mas cada um deve encarregar-se do seu papel e fazer sua parte para que a educação de todos tenha sucesso e, assim, possam formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

As falas das professoras trazem muitos elementos pertinentes e que merecem nossa reflexão mais aprofundada. A indisciplina aparece como vilã e a ausência da família na escola também, para a maioria das professoras esses são os maiores desafios que encontram para alfabetizar as crianças. A indisciplina é um problema real e vem sendo discutida a muito tempo.

Antunes (2002, p. 9) para definir o que é indisciplina, prefere conceituar o que em sua visão seria uma classe indisciplinada. O autor acredita que uma classe indisciplinada é toda aquela que:

Não permita aos professores oportunidades plena para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; não ofereça condições para que os professores possam “acordar” em seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania; não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

Para o autor uma sala disciplinada, necessariamente não necessita do silêncio absoluto, até porque a participação das crianças é muito importante para aprendizagem. O professor precisa aprender a usar a conversa da criança ao seu favor, por meios de desafios e perguntas, transformando-a em instrumento de sua aprendizagem.

Antunes (2002, p.19) afirma que a existência da indisciplina na escola é como um incêndio na mata e que emana de três focos: a escola e sua estrutura, o professor e sua conduta e o aluno e sua bagunça. Por esse motivo sabemos que não é só o aluno o responsável pela indisciplina na escola, a própria escola e professores tem sua parcela de culpa.

Hoje vemos que a indisciplina tornou-se um problema na sala de aula, devido às várias mudanças que ocorreram na sociedade, a escola e a família mudaram. Com ida da mulher/mãe para o mercado de trabalho, devido a inúmeras questões, a falta de tempo

foi um grande problema que ocasionou o não acompanhamento no desenvolvimento escolar e nas questões de indisciplina das crianças, assim, deixando a educação dos filhos sob a responsabilidade da escola. Então, a indisciplina tornou-se um dos principais contratempos enfrentados pelo professor em sala de aula, porque se percebe a falta de regras e de limites por parte das crianças. A criança precisa aprender que desde cedo o mundo é feito de regras e que terá que se comportar de acordo com elas, para viver em sociedade.

No que diz respeito à compreensão sobre o que é alfabetização e letramento, as professoras se posicionaram assim:

“Alfabetização é aprender a ler e escrever e o letramento é a vivência com o mundo.” (P1);
 “São interdisciplinares.” (P2);
 “São indissociáveis.” (P3);
 “Alfabetização é decodificação e letramento é uma alfabetização mais ampla.” (P4);
 “Letramento é aprender a ler, começar a escrever e entender o que está lendo.” (P5);
 “Alfabetização é ler e escrever e o letramento é o conhecimento de mundo.” (P6);
 “Alfabetização é o BE-A-BA e o letramento é leitura de mundo.” (P7);
 “Alfabetização é o conhecimento escolar e o letramento é o conhecimento de mundo.” (P8)

Notamos que as professoras P1, P6, P7 e P8 tem uma concepção mais definida do que vem a ser a alfabetização e o letramento no que diz respeito à questão do conceito, devido à forma como definiram os termos, já as professoras P2, P3, P4 e P5 não trazem esta questão muito clara; nossa hipótese é que a falta de conhecimento sobre o tema possa decorrer da formação dessas professoras. Podemos concluir isso na fala da professora: “Hum! A definição certinha disso (alfabetização e letramento), eu não sei te fala não!” (P3). Alegamos que a formação da professora (P3) se deu em uma Universidade de Educação a Distância (EAD), sua graduação ocorreu por meio de aulas semipresenciais e, no entanto, o curso escolhido não era a princípio, o desejado. Ela tem dez anos de experiência na Educação Especial, e em sala de ensino regular, na escola regular é o primeiro ano que trabalha com alfabetização. Talvez seja essa a razão por não saber o que venha ser realmente o conceito de alfabetização e letramento.

Como já foi dito antes, a alfabetização é um processo complexo que vai muito além de ensinar a ler e escrever, é preciso compreender para que servem os sinais que escrevemos e qual sentido atribuí para quem está aprendendo. O letramento é mais abrangente, é um processo no qual o indivíduo apropria-se da escrita e aprende a fazer o uso social da mesma.

Segundo Soares (2004):

É necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais.

Como cita Soares (2004), existe uma distinção entre os termos e fica evidente que algumas professoras em suas concepções não conseguem realmente distinguir alfabetização de letramento. Aparentemente, para a metade das professoras entrevistadas os termos são a mesma coisa e tem os mesmos conceitos.

Podemos confirmar esse posicionamento na fala da professora quando diz:

Alfabetização eu acho assim, que a criança tem um tempo certo de alfabetizar, não adianta você querer empurrar. O letramento é quando a criança aprendeu a ler, aí ela vai começar a escrever, na hora que ela estiver entendendo o sentido do que ela está lendo. (P5)

Constatamos que essa professora ainda não consegue fazer a distinção, entre os termos – alfabetização e letramento – pois na verdade não conseguiu conceituar alfabetização e deu o conceito de alfabetização para letramento. Mas não foi somente ela que se posicionou dessa forma, em outros relatos podemos averiguar que algumas das professoras entrevistadas não souberam conceituar os termos, apenas disseram ser um processo interdisciplinar e indissociável. Que o letramento seria uma alfabetização mais ampla.

Verificamos que a experiência das professoras entrevistadas com relação à alfabetização é bastante extensa, apenas duas tem pouco tempo de atuação nessa área. No período de formação da maioria delas, esta pauta sobre alfabetização e letramento já estava em discussão, então, provavelmente no contexto de suas graduações não tenham compreendido a diferença entre os termos e não consigam conceituá-los.

Quando questionadas sobre alfabetizar as crianças diante de tantas tecnologias, algumas das professoras entrevistadas disseram que era fácil, pois a tecnologia auxilia o

professor a ampliar seus conhecimentos e oferece uma variação de recursos lúdicos, mas, que seria importante o professor apropriar-se da tecnologia para alcançar as crianças.

Como relatam as professoras:

A gente tem que buscar e usar essas novas tecnologias, porque o mercado está exigindo isso. As crianças também hoje não são aquelas crianças de antigamente que era só livro e quadro. Elas próprias já têm essa tecnologia, antes de vir para a escola. (P2)

Vejo que com a tecnologia está sendo muito fácil para o professor, porque ele investiga mais, procura mais, busca novos desafios para sua prática em sala de aula. (P6)

Há também aquelas que consideram difícil o uso da tecnologia na alfabetização por vários fatores: o professor tem que estudar e atualizar-se para lidar com esses novos recursos, porque se não estiver preparado, não conseguirá acompanhar as crianças; é difícil organizar o laboratório de informática; é difícil também, porque as crianças já têm um conhecimento prévio dessas tecnologias, enquanto muitos professores ainda preferem restringir-se apenas ao giz e ao quadro.

Podemos ver que o mau uso da tecnologia pode prejudicar a aprendizagem das crianças segundo a professora:

Pra mim não tem dificuldade até facilita bastante, mas não vou negar que a tecnologia às vezes atrapalha um pouco, porque as crianças aprendem errado, então elas perdem os valores, e essa perda de valores elas trazem para dentro da sala de aula e isso reflete no seu aprendizado. (P7)

Hoje sabemos que o uso das tecnologias no ensino e na aprendizagem é imprescindível devido ao mundo globalizado em que vivemos, e sua utilização é muito importante para a aquisição e ampliação do conhecimento, tanto da criança quanto do professor. É fundamental que os professores aprendam a manusear esses novos equipamentos, para aliá-los às suas práticas pedagógicas, mas, para que isso ocorra, é necessário que se qualifiquem para utilizarem os recursos tecnológicos nas salas de aulas com mais qualidade.

Demo (2008, p.134) afirma que “devemos cuidar do professor, porque todas essas mudanças que adentram na escola só entram bem, se entrarem pelo professor, pois

ele é uma figura fundamental, e não há como substituí-lo. Sendo ele a tecnologia das tecnologias, e assim, deve se portar como tal”. Para o autor a grande mudança começa pelo professor, pois é por meio dele que essas inovações chegam a escola. Sendo assim, o mesmo precisa conhecer, dominar, proporcionar e inserir o uso das tecnologias em suas aulas contribuindo significativamente na formação da criança.

Então, seria interessante que houvesse um investimento maior nessa área de conhecimento para que o professor possa saber lidar melhor com essas novas tecnologias e assim, desenvolver bem seu trabalho na sala de aula.

Outra questão abordada foi em relação à forma como as professoras alfabetizam, os métodos e os recursos utilizados para a aprendizagem das crianças. As professoras entrevistadas apontaram que adotam em sua metodologia diversos recursos didáticos como: jogos, brincadeiras, músicas, filme, televisão, datashow, livros e textos diferentes, o corpo da criança, o computador, o alfabeto móvel, o chão, o lúdico, bingo, caça-palavras, fichas, sílabas, porta-gêneros textuais, atividades escrita, a informática e o conhecimento prévio da criança.

Não utilizam um método específico para alfabetizar, usam uma mistura de todos os métodos. Algumas citaram que fazem uso do construtivismo, que é uma teoria que surgiu no século XX, a partir das experiências do biólogo, filósofo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), usam também o método tradicional e o método analítico, reportaram ainda que não ficam presas apenas a um método, que são flexíveis e ecléticas. Elas misturam teorias e método com perspectiva epistemológica.

Podemos conferir no depoimento das professoras os meios que elas usam para alfabetizar e letrar seus alunos:

Eu não tenho um método específico, procuro trabalhar de maneira que a criança aprenda. Junto à linha construtivista, às vezes o método analítico, ou eclético, a gente faz uma junção e tenta trabalhar de forma que a criança consiga ser alfabetizada. (P4)

O método que eu uso é bem tradicional mesmo, porque eu acho que é nele que a criança aprende. (P5)

Eu uso muito o Método Analítico, que parte do todo para as partes, mas assim, a gente não deixa de lado que é um método Tradicional, que tem crianças que ainda aprendem no Método Tradicional, mas eu não fico presa somente nele não, eu utilizo vários recursos na minha sala de aula para alfabetizar. (P6)

Percebemos que entre as professoras alfabetizadoras entrevistadas nenhuma utiliza um único método para alfabetizar e letrar, na verdade, usam em geral, a mistura de todos os métodos. Procuram trabalhar da forma com que a criança aprenda, se de uma maneira não dá certo, tentam de outra. Não ficam restritas a um só método, trabalham de acordo com a necessidade da criança.

Ainda mediante as falas das professoras notamos que elas não aprofundaram na questão dos métodos de alfabetização, apenas os citaram, mas não os explicaram, simplesmente algumas falaram que usam a junção de todos os métodos e outras que não utilizam nenhum método para alfabetizar. Como ressaltado acima, apenas a professora P6 explicou de forma sucinta o Método Analítico, pois é um método que utiliza muito em suas aulas.

Segundo Mortatti (2006, p.1):

Em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com "antigas" e "novas" explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública. Visando a enfrentar esse problema e auxiliar "os novos" a adentrarem no mundo público da cultura letrada, essas disputas em torno dos métodos de alfabetização vêm engendrando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando-se como um importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição da alfabetização como prática escolar e como objeto de estudo/pesquisa.

Reconhecer qual dos métodos de alfabetização é o mais eficiente não é uma discussão recente, e sim, uma discussão antiga que gera disputa na área da educação. Sabemos que na atualidade essa discussão sobre os métodos de alfabetização ainda se faz presente. O método de maneira isolada não pode resolver os problemas da alfabetização e esta, não pode prescindir de método. Antes mesmo de escolher qual o melhor método para alfabetizar é indispensável sabermos para que, por que, para quem e o que ensinar para que a criança aprenda a ler e a escrever, e faça desse processo parte imprescindível em sua formação humana.

Ainda sobre os métodos de alfabetização Cagliari (1998, p. 108) pontua que “O melhor método de trabalho para um professor deve vir da sua experiência, baseada em

conhecimentos sólidos e profundos da matéria que leciona. O fato de não ter um método preestabelecido não significa que o ensino seguirá navegando à deriva”.

Segundo o autor, quando o professor tem domínio e conhecimento sobre aquilo que ensina, ele tem um modo particular de educar, com isso, consegue por meio de sua criatividade e experiência, realizar um trabalho de qualidade, que é fundamental para o ensino e aprendizagem da criança. Então, por ele não utilizar um método específico ou preestabelecido não quer dizer que o ensino seguirá sem objetivo e finalidade.

Quando indagadas sobre o que ensinam e se é possível alfabetizar letrando, as professoras alfabetizadoras responderam que ensinam muitas coisas, de um modo geral, tudo que está proposto no currículo da escola - o conteúdo programático - e também valores preparando as crianças para viver em sociedade. Com relação a alfabetizar letrando todas confirmaram que é possível realizar um e outro no mesmo processo, mas apenas a minoria das professoras relatou como acontece essa aprendizagem, como se dá esse processo.

A professora relata que,

No início da alfabetização procuro trabalhar textos menores, porque facilita para a criança ter uma visão melhor do texto, trabalho com vários gêneros textuais. É possível alfabetizar letrando, quando trabalho no porta-textos os gêneros textuais, consigo alfabetizar letrando, porque estou fazendo com que tenham conhecimento social, trabalhando a bula de remédio, a receita culinária, etc. (P4)

Como vemos, a professora procura trazer a diversidade do mundo letrado para a sala de aula. No contexto em que vivemos hoje, devido às exigências da sociedade cada vez mais grafocêntrica, as escolas tem um grande desafio que é alfabetizar letrando. Soares (1999, p.47) assegura que “alfabetizar e letrar são ações distintas, mas não inseparáveis, que seria ideal alfabetizar letrando o indivíduo”, ensinando-o a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que ele se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Cabem às professoras alfabetizadoras esse desafio, pois são elas que devem assegurar às crianças a apropriação do sistema alfabético/ortográfico e as condições necessárias para que saibam fazer uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita. Por sua vez, precisam descobrir como trabalhar simultaneamente com esses dois processos - alfabetização e letramento - sem desmerecer a especificidade de cada um.

Hoje, mediante as dificuldades enfrentadas pelas professoras para alfabetizar as crianças, constatamos que a dificuldade de aprendizagem e a falta de apoio e interesse da família pela vida escolar dos filhos têm sido as maiores dificuldades encaradas no processo de alfabetização e letramento, segundo a fala das professoras alfabetizadoras entrevistadas.

Em seus depoimentos, a maioria das professoras afirma que a dificuldade de aprendizagem é o maior problema enfrentado por elas para alfabetizar e letrar as crianças. Podemos constatar que os problemas de aprendizagem requerem das professoras um grande trabalho juntamente com a família da criança, na tentativa de analisar situações e evidenciar características que visem a descoberta da causa da dificuldade ou do impedimento para que a criança aprenda. Nesse sentido, entendemos que a família precisa se interessar e apoiar a escola e as professoras para a realização desse trabalho, na busca de uma solução para resolver as dificuldades de aprendizagem de seus filhos.

Sobre a efetivação do processo de alfabetização, as professoras declararam que ela ocorre a todo o momento, por meio de muito trabalho e da rotina da sala de aula, de forma tranquila e sem pressão. Está relacionado também com o tempo e a concepção de desenvolvimento da criança, quando sabe ler, escrever e interpretar, e gradativamente durante toda sua vida, visto que a alfabetização não se exaure no aprendizado da escrita, da leitura e da matemática, ela abrange todas as linguagens, por esse motivo, o professor alfabetizador tem um papel de extrema relevância na realização do processo de alfabetização em relação aos seus alunos. Resumindo, o processo de alfabetização só se efetivará quando a criança conseguir ler, escrever, interpretar e desenvolver produções de texto simples ou complexo, com qualidade e eficácia.

Em suas declarações as professoras entrevistadas afirmaram que o processo de alfabetização é influenciado por diversos fatores tais como: criatividade, investigação, metodologia, dinâmica, técnica, dom, boa vontade e perfil do professor alfabetizador; pelas atividades de rotina da sala de aula, inovação das aulas, o trabalho com jogos, e pela falta de ajuda, apoio e parceira da família e está relacionado também com a dificuldade de aprendizagem.

Diante dos posicionamentos das professoras alfabetizadoras entrevistadas, percebemos que o processo de alfabetização é influenciado por inúmeros fatores e eles podem influenciar o ensino e a aprendizagem tanto de forma positiva quanto negativa.

Quando a família tem o hábito de leitura, torna-se uma das principais influenciadora nesse processo, pois a criança ao ter contato muito cedo com os mais variados materiais de leitura e escrita e é incentivada por seus pais ou responsável, consegue com mais facilidade se alfabetizar, ela chega à escola com um conhecimento prévio, e nesse momento, cabe ao professor dar continuidade para que possa concretizar sua alfabetização.

Segundo Kleiman (2005):

Crianças que crescem rodeadas por variados materiais de leitura (cartazes, outdoors publicitários, ônibus com todo tipo de anúncios e letreiros, placas e avisos) e participam de eventos de letramento no lar, poderão achar um sentido para qualquer atividade de decodificação, porque já conhecem múltiplas funções da palavra escrita e estão à procura da chave que lhes permitirá entrar no mundo da escrita, por si mesmas, sem a ajuda do adulto. (KLEIMAN, 2005 p.34-35)

É evidente que a criança quando não vive rodeada por esses materiais de leitura e escrita tenha um pouco mais de dificuldade para se alfabetizar, mas isso não é algo universal. Por esse motivo, um ambiente alfabetizador rico em informações tende muito a cooperar com o processo de alfabetização e letramento, por isso, a escola deve proporcionar um ambiente letrado às crianças, tanto as que têm acesso ao mundo letrado quanto as que não têm, deve considerar suas diferenças e promover oportunidades reais de alfabetização à todos.

Ao serem questionadas sobre que sugestões dariam a uma professora iniciante, começando o seu trabalho com uma turma de alfabetização, as professoras entrevistadas pontuaram da seguinte maneira essa questão: ser uma professora alfabetizadora é ter amor pela Educação, trabalhar com entusiasmo, carinho, prazer, firmeza, gostar, ter paixão, ter domínio de sala e estabelecer rotina, ter uma metodologia diversificada, utilizar jogos, músicas e movimentos, ser amoroso, carinhoso, criativo, inovador e persistente, mas para falar a verdade, não existe uma receita para ser professora alfabetizadora.

Conforme enfatiza a professora,

A primeira coisa que ela tem que estabelecer na sala é a rotina, aliás, nem é a primeira coisa, a primeira coisa é gostar mesmo, é ter amor pela Educação. A segunda é ter domínio da sala de aula e a terceira é estabelecer a rotina, daí por diante, vai seguindo os passos e vai dá tudo certo. (P3).

Chama atenção a fala da professora ao afirmar que: “O professor precisa ter criatividade, procurar ser original, inovador e não desistir. Nós não podemos desistir da criança nunca, porque elas têm uma capacidade, que a gente nem imagina”. (P4).

Ainda, sobre o assunto. “Não tem receita, é como eu disse: “você tem que gostar”. Não tem receita! Não tem receita nenhuma” (P6).

Dessa forma, percebemos que o professor alfabetizador, para os sujeitos entrevistados, precisa ser experiente e ter os conhecimentos necessários sobre os conteúdos que irá ensinar; juntamente às sugestões dadas pelas professoras alfabetizadoras, ressaltamos a relevância do aprofundamento, por parte do professor, sobre o conhecimento do desenvolvimento cognitivo da criança e como se dá a aprendizagem, para que o processo da alfabetização e letramento seja efetivado com êxito na sala de aula. Ele deve ainda incentivar a criança a adquirir novos conhecimentos, dessa forma, contribuirá em sua formação para que seja capaz de construir seus próprios saberes.

Pois, segundo Cagliari (1998):

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo a sua interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma produtiva o processo de aprendizagem (CAGLIARI, 1998, p. 89).

O professor alfabetizador tem uma grande responsabilidade no ensino e aprendizagem da criança, pois é ele quem abre as portas e aguça os seus conhecimentos, já que eles têm a sua volta inúmeras janelas abertas à disposição. Então, por esse motivo é necessário que os professores procurem sempre o aperfeiçoamento para suas metodologias e práticas pedagógicas, visando, dessa forma, uma melhor atuação no processo de alfabetização e letramento da criança. Para isso precisam estar em uma constante busca para aprimorar e aperfeiçoar seus conhecimentos. A princípio, a melhor maneira para conseguir mudanças em suas práticas pedagógicas seria com os cursos de formação continuada de professores, pois além de propiciar trocas de experiências entre os professores, proporciona a atualização do conhecimento, em razão

das inúmeras inovações que ocorrem, e também por ser um importante auxílio nas práticas vivenciadas no dia-a-dia da sala de aula.

Segundo Libâneo (2004, p.22), “(...) A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.” Para o autor, a formação continuada é a extensão da formação inicial, visa o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio âmbito de trabalho e o crescimento de uma cultura geral mais abrangente, que ultrapassa a do exercício profissional. Logo, a formação continuada deve propiciar ao professor conhecimentos sobre o ensino e aprendizagem, para que este possa compreender e organizar sua prática educativa em uma perspectiva crítica. Os cursos de formação continuada precisam ter conexão com a realidade para que ocorram mudanças significativas em sala de aula, pois percebemos que existe um distanciamento entre a prática vivenciada e a teoria estudada.

Ele afirma ainda que a formação continuada possibilita a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, que ela ajuda os professores a tomar consciência de suas dificuldades, compreendê-las e assim elaborar formas para enfrentá-las. Sendo assim, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir e buscar soluções sobre a mesma, e que seja, através de ações coletivas. (LIBÂNEO, 2004).

A escola é o melhor lugar para que a formação continuada de professores aconteça, pois é lá que estão os problemas, e também se encontra o grupo reunido, buscando alternativas para tentar solucioná-los da melhor forma. É a partir de uma prática pedagógica reflexiva que os problemas são identificados e também solucionados.

Segundo Nóvoa (1991):

A escola é vista como locus de formação continuada do educador. É o lugar onde se evidenciam os saberes e a experiência dos professores. É nesse cotidiano que o profissional da educação aprende, desaprende, estrutura novos aprendizados, realiza descobertas e sistematiza novas posturas na sua “práxis”. Eis uma relação dialética entre desempenho profissional e aprimoramento da sua formação.

Para o autor, a escola deveria ser o lugar específico de formação continuada do professor, onde seus saberes e suas experiências se evidenciam, onde ele aprende, desaprende, constrói novos aprendizados, faz novas descobertas e por fim, sistematiza

novas atitudes a sua práxis. Mas sabemos que não é tão simples assim, o cotidiano escolar não favorece elementos suficientes para a formação continuada de professores, nem a sua atuação dentro da escola lhe garante essa formação, é preciso buscá-la, muitas vezes, em outros espaços formadores, porque na maioria das vezes o tempo dedicado para essa formação dentro da escola, não é aproveitado, como deveria ser, é utilizado para realização de outras tarefas. Para que a escola se torne um espaço de formação profissional expressivo é necessário que a prática pedagógica aconteça de forma reflexiva, e assim, identifique os problemas no ensino e aprendizagem das crianças e tente solucionar os mesmos.

Por conseguinte, as professoras alfabetizadoras participantes da entrevista nos relataram que sempre que é possível estão engajadas em algum curso de formação continuada para aprimorar sua prática pedagógica, pois a formação continuada é necessária, independente da formação inicial que receberam, seja ela de boa qualidade ou não, é importante que tenham uma base que nos auxiliem a estar sempre em uma aprendizagem contínua, que possa refletir significativamente na sua prática pedagógica. Ainda em relação a essa formação continuada, quando questionadas se participaram do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), a maioria afirmou que participou.

O Pnaic é um acordo formal assumido pelo Governo Federal, estados, municípios e entidades para firmar o compromisso de alfabetizar crianças até, no máximo, oito anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização. Ele surgiu como uma luta para garantir o direito de alfabetização plena a meninas e meninos, até o 3º ano do ciclo de alfabetização. (BRASIL, 2012, p.5)

O Pacto é constituído por um conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas disponibilizadas pelo Ministério da Educação (MEC) que contribuem para formação continuada dos professores alfabetizadores, tendo como eixo principal a alfabetização e o letramento. Estas ações se apoiam em quatro eixos de atuação que são Formação Continuada de Professores Alfabetizadores; Materiais Didáticos e Pedagógicos; Avaliações; Gestão, Controle Social e Mobilização. O curso é presencial, tem duração de dois anos para os professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, com base no programa Pró-Letramento⁴, cuja

⁴ O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura, escrita e matemática nos anos ou

metodologia propõe estudos e atividades práticas, os encontros são conduzidos por orientadores de estudo.

Ainda sobre o Pacto, cinco professoras manifestaram quão foi importante para sua formação e prática na sala de aula, podemos confirmar tal declaração na fala das professoras,

Participei de todos até agora e contribuiu muito, acho que nós aprendemos a trabalhar até com essa interdisciplinaridade, através de músicas, com jogos. Acho que isso foi um avanço muito grande na alfabetização para nós professores, que às vezes estava adormecido, eu acho que o Pacto contribuiu muito para alfabetização. (P2)

Eu participei de um, estou esperando agora o segundo. É excelente! Ele trabalha muito a prática do professor na sala de aula e dá muitas ideias. O Pacto é maravilhoso! Eu acho que deveria existir sempre, sabe, porque me ajudou muito, fora o material que eles dão. Excelente! Eu acho que ajuda muito. (P3)

Olha o Pacto veio acalhar, chegou no momento certo, principalmente para as pessoas que estavam iniciando, eu já tenho muitos anos que trabalho com alfabetização, e a gente está sempre procurando acertar e aprender com os erros. Ele veio para auxiliar o professor, foi muito rico, muito bom e é muito enriquecedor. Nós precisamos estar sempre procurando melhorar. (P4)

Sim, foi muito bom, porque apliquei em sala de aula e vi um resultado muito grande. O professor ele tem que ter sempre essa formação continuada, ele não pode ficar preso somente naquilo que acha que ele sabe, porque o processo de ensino é contínuo, você aprende hoje, amanhã você aprende de novo e você vai assim sucessivamente, vai aprendendo, todos os dias. (P6)

Eu não estou participando atualmente, até porque está parado, mas eu já participei e quero retornar. Ele é muito importante porque sempre está tendo novidades na Educação e ele traz essas novidades para gente e as trabalham a fundo, assim pondo a gente pra pensar, pra refletir, sobre a nossa prática. (P8)

Além do Pnaic, as alfabetizadoras entrevistadas certificaram que fizeram outros cursos de formação continuada oferecidos pela Superintendência Regional de Ensino

séries iniciais do ensino fundamental. O programa é realizado pelo Ministério da Educação (MEC), Universidades Parcerias e com adesão dos estados e municípios. Podem participar todos os professores que estão em exercício nos anos ou séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. Ministério da Educação pró-letramento 2012.

(SRE) e também pelo Centro de Assistência Pedagógica e Aperfeiçoamento Permanente de Professores (CEMAP), que é um órgão da Secretaria Municipal de Educação de Ituiutaba-MG.

Segundo elas,

Nós participamos de reuniões e tem outros cursos que fazemos também, inclusive estou fazendo um da Superintendência, procuramos sempre enriquecer nosso conhecimento, porque precisamos estar a par das mudanças. Isso é fundamental: tem que está atualizado! Seja qual for a profissão, você precisa acompanhar as mudanças que ocorrem, senão você fica para trás. (P1)

Eu já fiz vários cursos, como eu trabalho também no município, participei dos cursos oferecidos pelo CEMAP, e por mais que esteja quase me aposentando em um dos cargos, estou sempre fazendo novos cursos. Precisamos sempre melhorar nossas práticas pedagógicas. (P4).

Como cita as professoras é preciso estar a par das mudanças, pois o mundo está em constante processo de transformação, mesmo depois de formados, é importante que os professores continuem fazendo cursos que acrescentem novos conhecimentos a sua formação e, também, os ajudem a se atualizar enquanto profissionais.

Mediante as falas das professoras, compreendemos que os cursos de formação continuada muito contribuíram para a formação deste grupo de professoras e que ocupa um papel significativo para a aprendizagem das docentes. Sabemos que a formação continuada constitui uma atividade essencial na formação do professor como direito e necessidade, e é preciso que seja articulada ao Projeto Político Pedagógico (PPP) garantindo sua operacionalização e também o desenvolvimento profissional dos professores; ela deve ser realizada na escola, considerando uma série de fatores que estão relacionados com o conhecimento, o trabalho coletivo, os alunos, a escola, a sociedade, o contexto histórico, entre outros. Essa formação não pode ser passageira ou somente para acumular cursos, ela deve, por consequência, constituir-se em trabalho permanente de formação para a prática do professor, buscando atingir as reais necessidades da escola e também suas possibilidades.

Com base em tudo o que foi discutido nesta seção, percebemos que muitos são os desafios e as dificuldades que as professoras alfabetizadoras encontram para realizar seu trabalho em uma sala de aula. Elas apontaram elementos fundamentais que as levaram a escolher essa profissão, o quanto sentem prazer de atuarem como alfabetizadoras, mas

que essa não é uma tarefa fácil. Existem as dificuldades que enfrentam no cotidiano da escola – que são desde a falta de apoio e da presença da família até a indisciplina na sala de aula. Muitos são os desafios diante de tantas mudanças que ocorrem em nossa sociedade, por esse motivo, precisam buscar especialização para atender as novas exigências.

Hoje mais do que nunca o professor precisa atualizar-se, capacitar-se, procurar enriquecer o seu conhecimento, porque é necessário estar a par dessas mudanças que estão acontecendo no mundo contemporâneo. É preciso atentar-se às novas exigências impostas pela sociedade atual, que vai se modificando com o passar do tempo. Como seres inacabados que somos, sentimos a necessidade de nos aprimorar e buscar novos saberes constantemente, pois, o conhecimento é o maior poder que temos, constitui-se em algo que não poderá ser subtraído de nós. Quanto mais buscarmos esse conhecimento, mais possibilidades se abrirão para nós. Nosso poder aumenta na medida em que aumentamos nosso conhecimento. O conhecimento é libertador.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado buscou analisar e conhecer como se dá o processo de alfabetização e letramento a partir da visão das professoras que alfabetizam, uma vez que ele não se resume apenas a ler e escrever, a codificar e decodificar códigos. Deve ser entendido como um processo de aquisição e apropriação do sistema alfabético e ortográfico da escrita.

A alfabetização precisa ir além de ensinar a criança ou o adulto saber ler e escrever, é preciso que saibam fazer uso real e adequado dessa escrita, e assim utilizar suas funções socialmente para a conquista de sua cidadania.

Hoje sabemos que o conceito de alfabetização evoluiu na tentativa de responder os avanços e as necessidades da sociedade. Mudanças ocorreram na visão inicial de como ensinar a ler e escrever, na defesa da construção do conhecimento pela própria criança e do alfabetizador como o seu mediador, e é nesse momento, que surge o letramento.

O letramento abrange o processo de desenvolvimento histórico da escrita, que emergiu para referir-se a um conjunto de práticas de uso da língua escrita que modificou a sociedade profundamente, ele reflete a transformação e as mudanças sociais e tecnológicas que ocorreram em nossa sociedade.

Esse processo complexo envolve conhecimentos e múltiplas capacidades, que estão relacionados à leitura de mundo e não somente com a escolar, uma vez que, principia-se antes da alfabetização, ou seja, a pessoa interage com as práticas de letramento em seu meio social.

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar e compreender o processo de alfabetização e letramento, os desafios, as dificuldades e os avanços, que professoras alfabetizadoras encontram para alfabetizar e letrar crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental de duas escolas estaduais, ao mesmo tempo, identificar a concepção de alfabetização e letramento que essas professoras trazem e refletir sobre ela com base na literatura específica; identificar os desafios, os problemas que as professoras apresentam.

A construção da identidade profissional dessas professoras teve relação com a influência familiar e a vocação. Sabemos que existem outros motivos que levam tais

profissionais a se tornarem professoras independentes da desvalorização da profissão como, por exemplo – o amor pela Educação e o gostar de crianças.

Hoje mais do que nunca sabemos que não é fácil ser um profissional – ser professora - devido à falta de valorização dos nossos governantes, e o desrespeito por essa classe de trabalhadores.

Muitos são os desafios enfrentados para alfabetizar e letrar e grandes são os problemas apontados, os quais tornam a prática como alfabetizadora mais difícil.

Diante das afirmações é visível que a indisciplina, a falta da colaboração, do apoio e da presença da família na escola são os grandes obstáculos encarados por essas professoras, sem a parceira família/escola, alfabetizar as crianças torna-se um dos grandes desafios enfrentados por elas. Cada um (pais, professores) precisa tomar para si suas responsabilidades e cumprir com suas obrigações na formação do filho e criança.

A família é um dos pilares da educação de todo os sujeitos e é nela que o indivíduo se alicerça, e a escola, por sua vez, é o lugar onde esse mesmo sujeito busca o conhecimento necessário para viver em harmonia com a sociedade, ambos precisam ter em comum a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Fica evidente que a compreensão sobre alfabetização e letramento na visão de algumas professoras entrevistadas é que alfabetização é aprender a ler e escrever, enquanto o letramento é o conhecimento de mundo que a criança ou o adulto traz consigo. Já na visão das outras professoras que fizeram parte deste estudo esta questão não ficou bem definida. Percebemos ainda, que as concepções do que vem ser alfabetização e letramento, variam muito entre as professoras entrevistadas, e, que a metade delas não consegue conceituar tais termos.

A alfabetização e letramento são processos complexos e indissociáveis, ambos têm suas especificidades e precisam um do outro para que o ensino e a aprendizagem ocorram de forma significativa para a criança.

O professor alfabetizador precisa conhecer os conceitos desses processos, para saber se está utilizando-os de forma correta em sua sala de aula, quando se tem domínio e conhecimento daquilo que se ensina é possível realizar um trabalho de qualidade.

Atualmente o uso das tecnologias no ensino e na aprendizagem é imprescindível devido ao mundo globalizado em que vivemos, diante de tantas tecnologias, as professoras sentem mais facilidade para alfabetizar, porque os meios tecnológicos

auxiliam tanto a criança quanto o professor na ampliação dos conhecimentos e oferece também uma variação de recursos lúdicos.

O professor precisa antes de tudo apropriar-se da tecnologia para alcançar as crianças, é fundamental que aprendam a manusear esses novos equipamentos, para aliá-los às suas práticas pedagógicas.

Percebemos que os métodos e os recursos utilizados para a aprendizagem das crianças são recursos didáticos diversos, não utilizam um método específico para alfabetizar, usam uma mistura de todos os métodos e teorias, procuram ser flexíveis em suas aulas. Constatamos ainda, que não aprofundaram na questão dos métodos de alfabetização, apenas citaram-os.

Sabemos que na atualidade essa discussão sobre os métodos de alfabetização ainda se faz presente, reconhecer qual dos métodos de alfabetização é o mais eficiente não é uma discussão recente, e sim, uma discussão antiga que estabelece uma grande disputa na área da educação.

Em concordância todas as professoras afirmaram que é possível alfabetizar letrando, mas uma minoria relata como acontece essa aprendizagem, como se dá esse processo. Percebemos que ao utilizar o porta-textos e nele trabalhar os gêneros textuais, uma das professoras consegue alfabetizar letrando suas crianças, fazendo com que tenham conhecimento social da leitura e da escrita.

No contexto em que vivemos hoje, devido às exigências da nossa sociedade que se tornou mais grafocêntrica, as escolas tem um grande desafio que é alfabetizar letrando. As professoras alfabetizadoras tem esse grande desafio em suas mãos, pois devem assegurar à criança a apropriação do sistema alfabético/ortográfico e as condições necessárias para que façam o uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita, trabalhando com os dois processos simultaneamente.

Diante das dificuldades enfrentadas pelas professoras para alfabetizar as crianças, constatamos que a dificuldade de aprendizagem e a falta de apoio e interesse da família pela vida escolar dos filhos têm sido as maiores dificuldades encaradas no processo de alfabetização e letramento. O problema da aprendizagem requer das professoras um grande trabalho juntamente com a família da criança, na tentativa de analisar situações e evidenciar características que visem a descoberta da causa e da dificuldade dela.

Entendemos que a família precisa se interessar e apoiar a escola e as professoras para a realização desse trabalho, pois somente a escola e as professoras não

conseguiram de forma alguma solucionar tais dificuldades, os pais são as pessoas que mais conhecem seus filhos.

Compreendemos que a efetivação do processo de alfabetização ocorre a todo o momento, por meio de muito trabalho e da rotina da sala de aula, tem haver com o tempo e o amadurecimento da criança e ocorre durante toda sua vida.

O processo de alfabetização é influenciado por diversos fatores, e eles podem influenciar o ensino e a aprendizagem tanto de forma positiva quanto negativa. A família é uma das principais influenciadora nesse processo, pois quanto mais rodeado de materiais de leitura e escrita for à criança mais facilidade terá para aprender.

Então cabe as professoras alfabetizadoras tornarem sua sala de aula um ambiente alfabetizador rico em informações, pois muito irá cooperar com o processo de alfabetização e letramento da criança, a escola deve proporcionar um ambiente letrado a todos.

Mesmo hoje diante de toda a desvalorização que os professores sofrem, pela falta de reconhecimento, descobrimos que para ser professora alfabetizadora é preciso ter amor pela Educação, trabalhar com entusiasmo, ter prazer e gostar do que faz, ter uma metodologia diversificada, ser criativo, inovador e persistente, mas para falar a verdade não existe uma receita para ser professora alfabetizadora, é preciso gostar, se dedicar e buscar sempre novos conhecimentos, e não considerar tudo o que falam de mal da profissão. Contudo, se faz necessário, políticas públicas que visem a qualidade da educação básica para todos.

Por esse motivo, a formação continuada deve fazer parte da vida dos professores, independente da formação inicial que receberam, é importante que tenham uma base que os auxiliem a estar sempre em uma aprendizagem contínua, que possa refletir significativamente na sua prática pedagógica.

A formação continuada precisa ser a extensão da formação inicial, visar o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no ambiente de trabalho e o crescimento de uma cultura geral mais abrangente, que ultrapasse a do exercício profissional; deve propiciar conhecimentos sobre o ensino e aprendizagem, ter conexão com a realidade para que mudanças significativas ocorram na sala de aula, pois existe um distanciamento entre a prática vivenciada e a teoria estudada.

Os dados apresentados pelas professoras alfabetizadoras nos fizeram perceber que inúmeros são os fatores que influenciam o processo de alfabetização e letramento das

crianças e muitos são os desafios e as dificuldades enfrentados por elas para realizar sua prática pedagógica.

Concluimos que alfabetização e letramento são processos complexos e indissociáveis e devem ser trabalhados conjuntamente, e assim, é preciso mudar o modo como ensinar em nossas escolas, devido às grandes mudanças que a sociedade vem nos impondo, onde vários são os desafios e dificuldades que as professoras alfabetizadoras enfrentam para alfabetizar e letrar, pois nossas crianças vivem outra realidade, em um mundo mais globalizado. Por meio dessa pesquisa, foi possível vislumbrar a nova maneira de ensinar que tanto se fala na Universidade, por intermédio das leituras realizadas e também pelos depoimentos das professoras entrevistadas, chegamos ao entendimento que o professor não precisa resumir sua prática apenas em ensinar a ler e escrever tradicionalmente, que ensinam, muito mais que o A, B, C, e a forma como se ensina mudou, que hoje se alfabetiza letrando as crianças, que é possível fazer diferente se buscarmos o conhecimento necessário e o aperfeiçoamento de nossa prática pedagógica. O professor deve estar atento a todas as novidades e continuar o processo de aprendizagem, que deve ser contínuo.

Percebemos que muito se avançou em relação à alfabetização, mas que muito ainda precisa ser feito na área da formação e das políticas de modo geral, pois vimos que, a indisciplina, as dificuldades de aprendizagem e a falta de apoio da família que são desafios e principais dificuldades para as professoras alfabetizadoras necessitam de soluções, e que elas venham favorecer a aprendizagem de todos.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. A questão da indisciplina em sala de aula. Fascículo 10. 3ª Edição. Petrópolis- RJ. Vozes 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. Ed. Scipione. São Paulo. 1998.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização em questão**. 2ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

CUNHA, Tânia Rezende Silvestre. **Professores alfabetizadores da rede municipal de Ituiutaba: saberes e práticas**. Dissertação de mestrado, 2000.

DEMO, Pedro. **Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI**. In: Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC: guia do cursista / Maria Umbelina Caiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral. –Brasília; Ministério da Educação, Secretária de Educação à Distância; 2008. Cap. 4, p. 134.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: coordenação Marina Baird Ferreira. – 8ª ed. Ver. Atual. - Curitiba: Positivo, 2010. 960p. : il.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo. Feevale, 2003

KLEIMAN, Ângela B. (2005). **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Cefiel/Unicamp & METFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. 8ª Ed.- São Paulo, Cortez, 2006. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental

da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

NÓVOA, Antônio. **Concepções e práticas da formação contínua de professores**. In: Nóvoa A. (org.). **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas**. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991.

PEREIRA, Gilson Almeida; ENGERS, Maria Emília Amaral. **Identidade profissional docente: uma construção histórico-sociocultural**. Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 291-310, set./dez. 2009.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, n 41, ago.1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda B. O que é letramento e alfabetização. In: SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999, p. 29-60.

SOARES, Magda B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 7ª. ed., 2002.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

6. APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL - FACIP
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
DOCENTE: LÚCIA HELENA M. DE M. OLIVIERA.
DISCENTE: MÁRCIA MARIA C. DA SILVA OLIVEIRA.



O trabalho aqui apresentado é uma pesquisa realizada pela aluna Márcia Maria C. da S. Oliveira, do Curso de Pedagogia, orientada pela professora Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira, com o intuito de analisar e compreender o processo de alfabetização, os desafios, as dificuldades, e os avanços, que professoras alfabetizadoras encontram para alfabetizar e letrar alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental das escolas públicas. Salientamos que o mesmo contribuirá para a construção de conhecimento desta área de pesquisa e reiteramos que os dados serão utilizados apenas para fins científicos.

01) Nome completo:

02) Sexo: () Masculino () Feminino

03) Idade:

04) Estado civil:

05) Local em que reside: Cidade e Estado.

- 06) Você tem Curso de Superior? Qual a Instituição em que cursou (pública ou privada?) e o ano de conclusão.
- 07) Por que e como você se tornou professora alfabetizadora? Para você qual o maior desafio enfrentado por uma professora alfabetizadora?
- 08) O que você entende por alfabetização e letramento? Como é alfabetizar nos dias atuais, diante de tantas tecnologias?
- 09) Como você alfabetiza? O que você utiliza para alfabetizar? Faz uso de algum método?
- 10) O que você ensina ao alfabetizar? É possível alfabetizar letrando?
- 11) Quais são as dificuldades encontradas ao alfabetizar as crianças? Na busca de uma solução para as dificuldades, você percebe algum avanço no aprendizado de seu aluno?
- 12) Quando o processo de alfabetização efetivamente acontece?
- 13) O que influencia o processo de alfabetização?
- 14) Que sugestões você daria para um(a) professor(a) que está começando o seu trabalho com uma turma de alfabetização?
- 15) Você participa do curso de formação continuada de professores alfabetizadores do Pnaic- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa ? Qual a importância do mesmo para a sua atuação como professora alfabetizadora?

APÊNDICE B – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de uma entrevista/pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Uberlândia (UFU0; tendo como título: “**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**”. O objetivo geral da investigação é: analisar e compreender o processo de alfabetização, os desafios, as dificuldades, e os avanços, que professoras alfabetizadoras encontram para alfabetizar e letrar alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental das escolas públicas. Salientamos que o mesmo contribuirá para a construção de conhecimento desta área de pesquisa e reiteramos que os dados serão utilizados apenas para fins científicos, mantendo a garantia de total anonimato para preservar a identidade dos sujeitos que contribuirão em nosso trabalho. Após receber os esclarecimentos e as informações necessárias, assine ao final desse documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da equipe pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____ RG/ CPF/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar da entrevista do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Uberlândia (UFU0; tendo como título: “**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**”, que tem como objetivo analisar e compreender o processo de alfabetização, os desafios, as dificuldades, e os avanços, que professoras alfabetizadoras encontram para alfabetizar e letrar alunos de 1º e 2º anos do ensino fundamental das escolas públicas. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) que as informações contribuirão para a construção de conhecimento desta área de pesquisa e que os dados serão utilizados apenas para fins científicos, mantendo total anonimato da minha participação.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do participante:

